



REVISTA  
Casa da

ISSN 2316-8056

**GEOGRAFIA**  
de Sobral

## CONVIVIALIDADES E RURALIDADES NA COMUNIDADE SERRA DO CAVALO EM ÁGUA BRANCA, ALAGOAS

Convivialities and ruralities in the Serra do Cavalo community in Água Branca, Alagoas

Convivencia Y ruralidad en la comunidad Serra do Cavalo en Água Branca, Alagoas

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v28.1140>

Juliana dos Santos Lima<sup>1</sup>

Maria Augusta Mundim Vargas<sup>2</sup>

### Histórico do Artigo:

Recebido em 23 de maio de 2025

Aceito em 11 de maio de 2026

Publicado em 20 de maio de 2026

### RESUMO

Este texto dá ênfase às ruralidades manifestadas na comunidade rural Serra do Cavalo, inserida no município de Água Branca, Alagoas. Desde a sua constituição geohistórica, a comunidade esteve atrelada à natureza e as suas fases, principalmente quando pensada na prática da agricultura familiar, esta que por muito tempo foi a principal estratégia de sobrevivência da comunidade. As ruralidades na Serra do Cavalo evidenciam-se nos saberes e fazeres dos moradores locais, ou seja, em seus modos de ser transmitidos de geração para geração, mantenedores da identidade de lugar. Nesse cenário, a lida com a roça, em especial, com a plantação de lavouras temporárias, a exemplo da mandioca, milho e feijão, indica uma ligação direta dos moradores com a terra e com os ciclos da natureza, que se torna conhecido pelas vivências e experiências. Essas práticas reforçam os valores, a cultura e as crenças que persistem ao longo dos anos. A Serra do Cavalo, tem uma história que foi e é constituída por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, estudantes, jovens, idosos, crianças, por signos, por símbolos, por crenças, pela cultura, pela política e pelas convivências. Nesse sentido, as ruralidades e convivialidades na comunidade foram captadas e percebidas nas formas do plantar e colher, na aplicação de práticas antigas com o manejo e cuidado com a terra.

**Palavras-chave:** Geohistória. Pertencimento. Ruralidades. Lugar.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Email: julianabk2017@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-3832-3835>

<sup>2</sup> Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Email: guta98@hotmail.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-0815-6187>

**ABSTRACT**

This text emphasizes the rural aspects of the Serra do Cavalo community, located in the city of Água Branca, Alagoas. Since its geohistorical constitution, the community has been tied to nature and its phases, especially when considering the practice of family farming, which was the community main survival strategy for a long time. The rural aspects of Serra do Cavalo are evident in the knowledge and practices of local residents, that is, in their ways of being passed down from generation to generation, which maintain the identity of the place. In this scenario, working on the farm, especially planting temporary crops, such as cassava, corn, and beans, indicates a direct connection between the residents and the land and the cycles of nature, which becomes known through their experiences. These practices reinforce the values, culture, and beliefs that persist over the years. Serra do Cavalo has a history that was and is made up of men and women, workers, students, young people, the elderly, children, by signs, by symbols, by beliefs, by culture, by politics, and by social interactions. In this sense, the ruralities and convivialities in the community were captured and perceived in the ways of planting and harvesting, in the application of ancient practices with the management and care of the land.

**Keywords:** Geohistory. Belonging. Rural aspects. Place.

**RESUMEN**

Este texto enfatiza los aspectos rurales manifestados en la comunidad rural de Serra do Cavalo, ubicada en el municipio de Água Branca, Alagoas. Desde su constitución geohistórica, la comunidad ha estado vinculada a la naturaleza y sus fases, principalmente al considerar la práctica de la agricultura familiar, que durante mucho tiempo fue la principal estrategia de supervivencia de la comunidad. Los aspectos rurales de Serra do Cavalo están evidentes en los conocimientos y prácticas de los residentes locales, es decir, en sus formas de ser transmitidas de generación en generación, manteniendo la identidad del lugar. En este escenario, el trabajo en la finca, especialmente la siembra de cultivos temporales como la yuca, el maíz y el frijol, indica una conexión directa del pueblo con la tierra y los ciclos de la naturaleza, que se conoce a través de sus vivencias experiencias. La Serra do Cavalo tiene una historia que fue y es construida por hombres y mujeres, trabajadores y trabajadoras, estudiantes, jóvenes, ancianos, niños, por signos, por símbolos, por creencias, por la cultura, por la política y por las convivencias. En este sentido, la ruralidad y convivialidad en la comunidad fueron captadas y percibidas en las formas de plantar y cosechar, en la aplicación de prácticas antiguas con el manejo y cuidado de la tierra.

**Palabras clave:** Geohistoria. Pertenencia. Ruralidades. Lugar.

**INTRODUÇÃO**

Neste artigo tratamos da Serra do Cavalo como objeto de estudo - comunidade rural pertencente ao município de Água Branca, estado de Alagoas, contextualizando-a pelos seus aspectos geohistóricos e toponímicos, como condutores para compreender a convivialidade e as ruralidades de seus moradores<sup>3</sup>. Tomamos como base a perspectiva da ruralidade inserida no modo de vida, na conviviabilidade e na construção social da comunidade estudada. As ruralidades manifestadas pelos moradores da Serra do Cavalo estão nas atividades desenvolvidas e experimentadas por eles, dentre as quais destacamos os cultivos em roças, nos quintais e a utilização de ferramentas tradicionais como referentes da história do lugar.

Com o intuito de entender a realidade de estudo, acatamos o conceito de ruralidade tal como colocado por Medeiros (2017) que nos proporcionou refletir tanto do ponto de vista sociológico,

<sup>3</sup> Este texto corresponde a parte dos estudos realizados no desenvolvimento da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe.

quanto geográfico. Concordamos com a autora à medida que ela compreende a ruralidade como um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história em comum e que giram em torno da fidelidade e pertencimento a um território e a família. Nesse sentido, observamos a convivialidade e as práticas comuns das localidades que compõem a Serra do Cavalo, apreendendo esses conceitos *in locu* em Almeida (2018), entendendo-a como uma espécie de relação social, política e simbólica que conecta homens e mulheres à sua terra, estabelecendo, simultaneamente, sua identidade cultural.

Sobre Identidade, tivemos como referência os escritos de Sasaki (2010) que nos ajudou a compreendê-la como processo; ou seja, como algo que vai sendo configurado através da intenção e interação com o espaço vivido. Proshansky; Fabian; Kaminoff (1983) nos deram subsídio e nos ajudaram a pensar a identidade levando em consideração o “eu” e o “outro”, entendendo que cada sujeito tem um papel importante na constituição da identidade individual e coletiva. As práticas observadas na Serra do Cavalo, reforçaram o nosso entendimento sobre convivialidade e ruralidades, possibilitado por Almeida (2018).

O estudo se desenvolveu com observação direta do cotidiano das localidades, registro fotográfico e em diário e, realização de 29 entrevistas direcionadas, para moradores antigos, donas de casa, agricultores, comerciantes e jovens de agosto a dezembro de 2024. Optamos pela utilização de amostragem por saturação, que conforme Fontanella; Ricos; Turato (2008) seria basicamente o fechamento amostral da pesquisa, considerando que a inclusão de novos participantes pouco acrescentaria ao material já obtido, nem tampouco contribuiriam para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que foram coletados. Nessa linha de entendimento, os autores salientam que “...o fechamento da amostra resulta de um balanço que o pesquisador faz sobre valorizar, no conjunto das informações obtidas, as diferenças ou, em contraposição, o que se repete” (Fontanella; Ricos; Turato, 2008, p.23).

O roteiro de entrevista elaborado foi estruturado em 3 partes voltadas (i) para desvelar os referentes espaciais do lugar bem como seus topônimos; (ii) entender as relações de convivialidade em que pese as territorialidades e as ruralidades e (iii) compreender os sentidos do lugar, pelos sentimentos e significados atribuídos pelos moradores da Serra do Cavalo que longo do texto, nos referimos como ‘entrevistado’ ou ‘entrevistada’. A pesquisa se completa com levantamento documental realizado junto a acervos físicos e digitais que nos auxiliaram a entender a geo-história e o enraizamento dos moradores com o lugar Serra do Cavalo. Os documentos de fontes primárias, consideramos dados históricos, material cartográfico e pesquisas em sites como IBGE, Alagoas em dados, Arquivo Nacional, Prefeitura

de Água Branca, Biblioteca digital luso-brasileira. Ainda, acessamos obras literárias de pesquisadores locais bem como fotografias êmicas (Guran, 2011), cedidas a nós no percurso da pesquisa. Sob nosso olhar, produzimos segundo esse autor, registros fotográficos de natureza ética, focadas na perspectiva analítica e descritiva do pesquisador.

O texto que apresentamos está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte trazemos, brevemente, o contexto geohistórico da Serra do Cavalo e seu significado toponímico. Na segunda parte, apresentamos uma descrição analítica das práticas manifestadas, sobretudo, nas roças e quintais com técnicas e saberes tradicionais que permeiam o lugar Serra do Cavalo.

### **CONTEXTO GEOHISTÓRICO E TOPONÍMICO DA COMUNIDADE RURAL SERRA DO CAVALO: “AQUI TODO MUNDO É UMA FAMÍLIA SÓ”**

A comunidade rural Serra do Cavalo dista 15 Km da sede do município de Água Branca, situada a aproximadamente 750 metros em um brejo de altitude do Alto Sertão do Estado de Alagoas. Água Branca, por sua vez, dista 305 km da capital Maceió, e está localizada a aproximadamente 570 metros de altitude. Com base nos dados cadastrais do Posto de Saúde da comunidade, realizado em 2024, a Serra do Cavalo é constituída por cerca de 515 famílias, totalizando 1.728 moradores. Destes, 875 são homens e 853 são mulheres, dispersos pelas 7 localidades da comunidade: Serra do Meio, Serra dos Cordeiros, Casa Nova, Umbuzeiro de Baixo, Umbuzeiro de Cima, Jardim e Serra do Lucas.

Segundo relatos dos moradores, o topônimo Serra do Cavalo surgiu devido a existência de uma fonte, conhecida como “fonte do cavalo”, (Figura 1), situando-a na geografia da Serra: “*é porque tem uma fonte e chamavam fonte do cavalo, aí ficou o nome. Toda vez que o cavalo ia beber água ia para essa fonte*”<sup>4</sup>; “*tem a fonte do cavalo aqui embaixo nos Izídios e ficou o nome Serra do Cavalo. Os Izídios são uma família que morava perto da fonte do cavalo*”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Entrevistada - 66 anos.

<sup>5</sup> Entrevistado - 66 anos.

**Figura 1:** Fonte do Cavalo: referente geográfico que dá origem ao topônimo da comunidade.



**Foto:** Juliana dos Santos Lima, 2024.

Esses relatos se repetiram sem que identificássemos se se tratava de um cavalo ou de vários, bem como em que época esse topônimo passou a ser utilizado. Mas, sabe-se que esse nome foi utilizado para identificar somente a localidade na qual a fonte do cavalo estava inserida acrescentando aos relatos sua importância para os moradores antigos dos arredores da fonte, pois era onde buscavam água no pote de barro para as suas necessidades – lavar roupa e dar de beber às suas criações. Os arredores dos Izídios correspondem atualmente, à Serra dos Cordeiros.

Dessa maneira, pontuamos que os topônimos não são apenas nomes dados aos lugares, mas “...sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo” (Faggion; Dal Corno; Frosi, 2008, p. 278). Sobre isso, Claval (2007) explica que todos os lugares habitados têm nomes. Para ele, a toponímia é uma herança valiosa de culturas passadas e o batismo dos lugares e de tantos outros sítios, não é feito somente com o intuito dos homens se referenciarem, mas significa, necessariamente, uma tomada de posse do espaço, seja simbólica ou material. Infere-se, pois, que o nome “Serra do Cavalo” traduz uma realidade vivida e percebida e que não diz respeito somente ao ato de se referenciar no espaço, mas uma tomada de posse.

O referente Serra do Cavalo manteve-se mesmo com a expansão da ocupação e surgimento das sete localidades que compõem a comunidade. Passou-se a dividir e atribuir nome a cada localidade, até mesmo para facilitar a localização de cada uma. A ‘divisão’ atual foi explicada da seguinte forma: “...antes disso aqui era Serra do Cavalo, quando vinha carta do correio todo mundo perguntava por Serra do Cavalo [...], aí hoje tá dividido [...], tem Casa Nova, Serra do Meio, Umbuzeiro de Cima, Umbuzeiro de Baixo, como se fosse São Paulo, um centro, que é divido pelos bairros”<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Entrevistada - 78 anos.

O hábito de nomear toda a comunidade como Serra do Cavalo foi consolidado, mas observamos divergências quanto ao uso desse nome, pois, segundo relatos, apropriaram-se desse topônimo para que se pudesse receber benefícios e reconhecimento por parte do poder público.

*A Serra do Cavalo, pra quem não sabe, vem de longe, dos mais velhos...aqui na **Serra dos Cordeiros é a Serra do Cavalo que é de verdade e ficou pra trás** [...] meu pai dizia que a Serra do Cavalo legítima era daquele juazeiro de Bi até aqui [...] me lembro que fui na casa de Lia Rosa pra bater os tijolo do grupo da sala de aula que tem no Umbuzeiro, quem bateu aqueles tijolo foi meu pai, era pra fazer **o grupo da Serra do Cavalo**, mas teve umas coisas pra lá e carregaram os tijolos pro Umbuzeiro e fizeram lá e hoje lá é Serra do Cavalo<sup>7</sup>. (Grifos nossos)*

Ao mencionar que a “**Serra dos Cordeiros é a Serra do Cavalo que é de verdade e ficou pra trás**”, nota-se no relato um tom de inconformidade e, de certa forma, de tristeza. A carta topográfica Matricial de Delmiro Gouveia, datada do ano de 1995, confirma o seu relato, ao mostrar que as primeiras localidades mapeadas são respectivamente, Serra dos Cordeiros, Serra do Umbuzeiro e Jardim, e o nome Serra do Cavalo sequer aparece na Carta. Esse sentimento de inconformidade alude aquilo que menciona Claval (2007) ao elucidar que as toponímias se engendram enquanto elementos extremamente caros às relações com o espaço, pois são elas que farão com que as memórias do lugar sejam conservadas e as terras se tornem conhecidas.

Observa-se, que para o entrevistado, o fato de a Serra dos Cordeiros ser a Serra do Cavalo legítima e ter sido esquecida, quer dizer que a memória do lugar também foi esquecida, deixada para trás. E nesse cenário, não é apenas a memória que é esquecida, mas os contextos de vidas que foram vividos no lugar. Para Claval (2007, p. 2017) “nomear os lugares é impregná-los de cultura e poder”. Assim, se o nome dos lugares indica tomada de posse e atribuição de significados, ao perder esse tipo de referência as pessoas perdem, de alguma maneira, um pouco daquilo que elas são, ou daquilo que um dia elas foram.

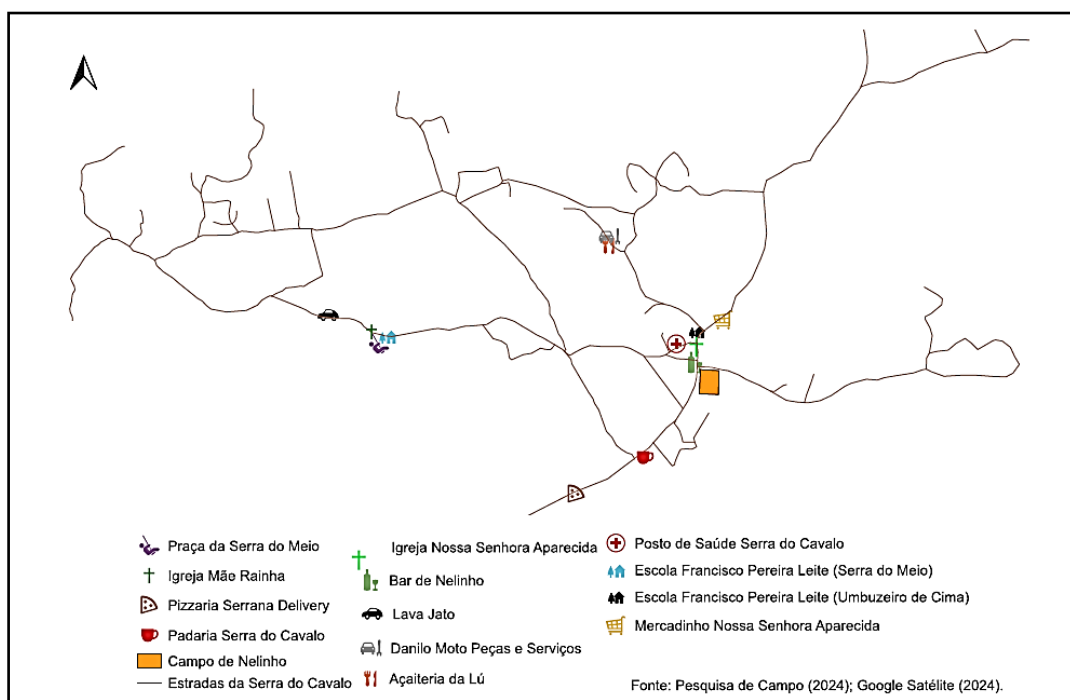
Entende-se, a partir do exposto, que o topônimo Serra do Cavalo surgiu posteriormente, já com a existência das localidades da Serra dos Cordeiros, Serra do Umbuzeiro e Jardim, por isso a menção à ‘Serra dos Cordeiros como sendo a Serra do Cavalo legítima’, pois as primeiras menções ao topônimo Serra do Cavalo surgiram nas adjacências da Serra dos Cordeiros. Como já mencionado, foi pela existência da fonte do cavalo que se passou a reconhecer todas as outras localidades como parte de um todo.

A (Figura 2) traz o croqui da comunidade. Nele, observa-se as estradas vicinais que “cortam” a Serra, bem como as ofertas de serviços situadas nas localidades com maior densidade de ocupação,

<sup>7</sup> Entrevistado – 66 anos.

como Serra do Meio, onde situa-se a Igreja de Mãe Rainha, escola e lava jato, Umbuzeiro de Cima, com maior concentração de serviços – Igreja Nossa Senhora Aparecida, posto de Saúde, mercadinho, bar e quadra de esportes, padaria e pizzaria. Na localidade Umbuzeiro de Baixo, está situado o Danilo Moto peças.

**Figura 2:** Croqui da comunidade Serra do Cavalo.



**Organização:** Juliana dos Santos Lima (2024).

Como mostrado no croqui, a escola Francisco Pereira Leite, por questões de logística para atendimento de todas as comunidades, funciona em duas localidades, na Serra do Meio e no Umbuzeiro de Cima. No entanto, ressalta-se que o ‘grupo da Serra do Cavalo’ mencionado acima, foi a primeira escola a ser construída situada na praça da Igreja Nossa Senhora Aparecida no Umbuzeiro de Cima, inicialmente, nomeada Escola Izidório Rodrigues Lima (Figura 3). De acordo com o relato do entrevistado, essa escola deveria ter sido construída na Serra do Cavalo ‘legítima’, ou seja, na atual Serra dos Cordeiros, próximo a fonte do cavalo. Como dito, foi o seu pai quem bateu os tijolos a serem utilizados na construção da sala de aula, porém, os moradores do Umbuzeiro de Cima tomaram posse não só do material, como do nome Serra do Cavalo.

**Figura 3:** Escola Municipal Izidório Rodrigues Lima em 1997, atual Escola Municipal Francisco Pereira Leite em segundo plano.



**Foto:** Acervo de Antônia Alves (1997).

O fato de terem construído essa escola no Umbuzeiro de Cima, rendeu a ela o título de “Centro” da comunidade, pois é lá que estão inseridos os equipamentos públicos e os serviços mais importantes. Para muitos dos moradores, mas sobretudo para o poder público, quando se menciona o nome Serra do Cavalo, faz-se referência somente ao Umbuzeiro de Cima.

Izidório Rodrigues Lima, foi um agricultor, segundo relatos, um dos primeiros ocupantes que ‘nasceu e se criou na Serra do Cavalo’. Ele era dono de muitas terras, inclusive, onde foi construída a escola e o antigo posto de saúde. Uma entrevistada diz: *“Esses terrenos tudo aqui pertencia a meu bisavô, Izidório Rodrigues Lima, essa serra todinha é de uma família sozinha, a nossa família é um grupo só, esse Izidório é o tronco da nossa família [...] não tem pra onde correr, é tudo uma família só.”*<sup>8</sup> (grifo nosso)

Ainda, Izidório Rodrigues Lima, era ‘dono’ de uma casa de farinha comunitária utilizada pelos moradores. Cada “farinheiro” – termo utilizado para se referir ao agricultor que faz farinha – colocava uma raiz de mandioca com sua marca no chão da casa de farinha e, assim, formava a fila: quando chegava outro farinheiro, colocava sua raiz de mandioca atrás da que já estava, e assim sucessivamente, ninguém pegava a vez de ninguém, todo mundo se respeitava. *“O povo chamava a casa de farinha dos Rodrigues [...] era uma casa de farinha comunitária, não tinha dono, mas todo mundo era dono”*<sup>9</sup>

Junto com Izidório Rodrigues Lima, Pedro Lima e Cesário Lima, ambos da mesma família, apareceram nos relatos como pessoas importantes do lugar Serra do Cavalo, tanto pelo pioneirismo quanto pelas relações familiares e pela representatividade de suas descendências. Importante destacar,

<sup>8</sup> Entrevistada – 78 anos.

<sup>9</sup> Entrevistado – 80 anos.

isso pôde ser comprovado pela pesquisa de campo, pois das 29 entrevistas realizadas, em 9 o sobrenome é Lima e, em 6 o sobrenome é Rodrigues, ou seja, os sobrenomes se repetem nas localidades da Serra do Cavalo comprovando a afirmação “*é tudo uma família só*”<sup>10</sup>.

Cada localidade mencionada é constituída, em sua maioria, por membros da mesma família. Assim, por herança familiar, é comum encontrar mães, pais, filhos, avós, bisavós, tios, primos e irmãos ocupando o mesmo lugar de vivência. E, nesse cenário de proximidade familiar, eles naturalmente constituem as suas teias de relações e desempenham as suas atividades, seja na lida com a roça, ou na religiosidade. De maneira geral, os topônimos de cada localidade da Serra do Cavalo apresentam os seus contextos e significados, e tais nomes carregam consigo os traços e as memórias de seus habitantes.

Em cada uma de suas localidades, a Serra do Cavalo é conhecida pelos olhos e pelo coração, “...a Serra do Cavalo é conhecida, chegue aí em qualquer canto e diga que é da Serra do Cavalo que a pessoa vai saber de onde você é”<sup>11</sup>. Ser da Serra do Cavalo é “saber de onde se é”, é ser conhecido pelo/no lugar, é viver em “um lugar de fraternidade”<sup>12</sup>. A Serra do Cavalo é um espaço de existência, pois “é onde cada um de nós relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (Relph, 2014, p. 31) e também um lugar de intimidade, “onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (Tuan, 1983, p. 152).

## UM OLHAR SOBRE AS RURALIDADES DO LUGAR SERRA DO CAVALO

Como contextualizado anteriormente, a Serra do Cavalo está situada em um brejo de altitude. É essa característica climática de brejo de altitude que proporciona à comunidade um ambiente privilegiado (Lima; Silva, 2020), a despeito do contexto de semiaridez presente nas áreas de entorno. A serra é privilegiada com solos férteis e um clima úmido-chuvoso constituindo uma área de exceção em face ao seu entorno.

De acordo com Medeiros; Cestaro (2019), o uso do termo brejo de altitude foi inicialmente utilizado para designar paisagens que conseguiam quebrar a monotonia das condições físicas e ecológicas dos sertões secos, enriquecendo a produtividade agrária local. Andrade (1998) acrescenta que as áreas serranas do Nordeste se apresentam tais quais manchas úmidas no meio do sertão, onde

<sup>10</sup> Entrevistada – 78 anos.

<sup>11</sup> Entrevistado – 79 anos.

<sup>12</sup> Entrevistado – 28 anos.

as condições climáticas e a abundância em água, diferenciam do restante da região. A esse respeito, Ab'Saber (1999) explica que:

Na cultura popular dos sertões é costume reconhecer-se por brejo [...] qualquer porção de terreno dotada de maior umidade, solos de matas e filetes d'água perenes ou subperenes, onde é possível produzir quase todos os alimentos e frutas peculiares aos trópicos úmidos. Um brejo, por essa mesma razão, é sempre um enclave de tropicalidade no meio semi-árido: uma ilha de paisagens úmidas [...] quebrando a continuidade dos sertões revestidos de caatingas. É evidente que isso só ocorre em determinados sítios, como serras e encostas de maciços que captam a umidade de barlavento [...] (Ab'Saber, 1999, p. 17).

O autor complementa dizendo, ainda, que “os brejos são fundamentais para a produção de alimentos no domínio dos sertões [...]. Dali saem a mandioca e a farinha, o feijão [...] um sem-número de frutas [...]” (Ab'Saber, 1999, p. 20).

Por se enquadrar em tais características climáticas e geográficas, a comunidade Serra do Cavalo apresentou desde sua constituição a conformação de uma paisagem rural com ligação muito forte com a agricultura, com a terra, e com a natureza ‘especial’. Nesse contexto, favorecida pelo clima ameno, frio e chuvoso e o solo fértil, a prática agrícola foi se constituindo não só como parte da cultura local, como também e, principalmente, uma forma de sobrevivência, pois: *“Para mim e para todos que moram aqui, a agricultura é muito importante. A gente sobrevive da agricultura”*<sup>13</sup>. *“A gente sobrevive da agricultura e do aposento”*<sup>14</sup>. *“Aqui todo mundo vivia só da roça, quando a gente queria alguma coisinha a gente ia na roça fazia arrancava uma carguinha de mandioca e vendia pra comprar as coisas da gente”*<sup>15</sup>. Outro entrevistado diz:

*“A gente viveu da agricultura, eu ia pra roça e estudava. A vida era difícil, a gente trabalhava na roça pra ter o que comer, pra comprar coisa pra vestir, para colocar coisas dentro de casa. Quem tinha terra trabalhava nas suas terras, e quem não tinha trabalhava nas dos outros, mas todo mundo era feliz. Hoje, eu planto feijão, mandioca, milho, laranja, goiabeira, mamoeiro, alface, pimentão, tomate, morango, pinheira [...] aí eu já não compro.”*<sup>16</sup>

Observa-se que a prática agrícola esteve e ainda está presente no cotidiano dos moradores locais. Nesse sentido, somos convidados a pensar a agricultura na Serra do Cavalo sob duas óticas: enquanto uma estratégia de sobrevivência e enquanto cultura enraizada, ou seja, parte da identidade do lugar.

Em um primeiro momento, os relatos nos ajudaram a pensar a agricultura sob a perspectiva da manutenção da vida, ou seja, enquanto meio de sobrevivência. Vimos uma ruralidade que mantém uma relação íntima e direta com a natureza e seus processos reportam “as questões econômicas, sendo fruto de seu sustento, manutenção e reprodução social” (Alves, 2021, p. 31). É uma atividade que apesar

<sup>13</sup> Entrevistado – 66 anos.

<sup>14</sup> Entrevistado – 91 anos.

<sup>15</sup> Entrevistado – 80 anos.

<sup>16</sup> Entrevistada – 66 anos.

de ser dura e sofrida, possibilita a manutenção das necessidades básicas de cada família, e isso fez-nos lembrar do que menciona Tuan (1980) que para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. E, para o agricultor o trato com a terra é 'valoroso'. Sua vida está atrelada aos grandes ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas; apesar de dura, ostenta uma 'dedicação' que poucas outras ocupações podem igualar. Em vista disso, pode-se dizer que por mais dolorosa que seja a vida na roça, o agricultor ainda assim consegue enxergar valor naquilo que faz, pois é desse esforço que provém o sustento de seu lar.

De outra parte, também fomos motivados a pensar a agricultura local como parte da identidade do lugar, manifestada por uma ruralidade que "vai se reproduzindo além da materialidade, ou seja, de sua espacialidade física, ela incorpora os elementos imateriais na paisagem, fazendo da ruralidade um modo de vida a ser apreendido" (Alves, 2021, p. 30). Uma ruralidade que "perpassa pelo pertencimento e pelas representações dos sujeitos por meio da afetividade e do modo como desejam que tais características sejam evidenciadas" (Silva, 2020, p. 302). Dessa maneira, entende-se que a agricultura é uma prática que está enraizada e que faz parte da dinâmica do lugar, atribuindo sentido e valor a vida de quem trabalha com a terra, de quem está vinculado ao modo de vida rural. Mota; Rios (2022) complementam:

Ao viver a roça, cada pessoa vai produzindo sentidos que demarcam quem ela é, e o que pretende ser nesse lugar. Isso está muito relacionado aos acontecimentos provocados pelo produzir. Nesse movimento de produção que cada pessoa da roça realiza, vão sendo tecidas inúmeras maneiras que tornam essas pessoas clareiras para o ser (Mota; Rios, 2022, p. 6).

Com efeito, a ruralidade é evidenciada como *"algo que está enraizado e não tem como negar isso, eu não posso dizer que sou apenas professor, eu acredito que devido ao fato da minha família e meus ancestrais dependerem da agricultura eu acredito que ela não vai sair de mim!"*<sup>17</sup>. Ora, ser agricultor é tão importante quanto ser professor, visto que ele não nega as suas raízes. O entrevistado reconhece e quer ser reconhecido pelo seu vínculo, sua história e suas memórias ligadas à agricultura. Desse modo, observa-se que mesmo inserido noutras dinâmicas sociais, o morador professor vivencia a ruralidade tal como posta por Medeiros (2017), como resultado de ações de sujeitos que internalizaram e externalizam a sua condição sociocultural, reflexo da condição herdada de seus antepassados. Em outros relatos a herança e a transmissão de saberes são ressaltadas da seguinte maneira: *"Eu planto há uns 60 anos, eu aprendi a plantar com meus pais, os pais da gente era quem ensinava"*<sup>18</sup>. *"E eu preparo a terra com as mãos, tem que brocar, limpar com foice e eu planto desde que me entendi de gente, pois*

<sup>17</sup> Entrevistado – 28 anos.

<sup>18</sup> Entrevistado – 72 anos.

*aprendi a plantar com meus pais*<sup>19</sup>. ‘A frase Eu aprendi com meus pais’ se repetiu em muitos relatos, ou seja, dos pais para os filhos, a lida na roça perdura na comunidade e continua sendo ensinada e repassada às novas gerações.

Dentre as lavouras temporárias mais pujantes da comunidade, destacam-se, a plantação de mandioca, milho e feijão, sendo a mandioca a principal delas, ocupando tratos visíveis na paisagem, constituídos pelas roças e pelas casas de farinha como a de Lia Rosa mostrada na (Figura 4).

**Figura 4:** Casa de farinha de Lia Rosa, na Serra do Meio.



**Foto:** Juliana dos Santos Lima, 2025.

A plantação do milho e do feijão também é representativa na Serra do Cavalo, embora em menor escala se comparada com a da mandioca. Isso se deve ao fato desse tipo de plantação ser muito dependente das condições climáticas. Em um período de seca, ou de muita chuva, por exemplo, tanto a safra do milho quanto a do feijão podem ser perdas parcial ou por completo, diferentemente da mandioca, mais resistente às intempéries. Outras especificidades agrícolas são mantidas na comunidade, como é o caso do feijão andú, feijão de corda, macaxeira, fava, abóbora, batata doce, cana, jerimum. Esses alimentos, diferentemente da mandioca e feijão – que quando em uma safra boa o excedente é vendido – são plantados apenas para o consumo da família, nos arredores da casa, em roças próximas.

Além dessas lavouras, os moradores da Serra do Cavalo produzem hortaliças e plantam árvores frutíferas. Foi possível registrar o plantio de tomates, cebolas, alface, pimentão, coentro, morango e, de frutíferas como mangueira, goiabeira, laranjeira comum, laranjeira cravo, acerola, seriguela, graviola, pinheira, umbuzeiro, cajueiro, limoeiro, bananeira, mamoeiro, abacateiro, pitombeira, coqueiro e cajazeira. Esses alimentos costumam ser cultivados nos arredores das casas, ou seja, nos quintais,

<sup>19</sup> Entrevistado – 66 anos.

diferentemente da mandioca, do feijão e do milho, plantados em maiores proporções e em locais mais afastados de casa.

Pelo conhecimento adquirido ao longo dos anos, os agricultores da Serra do Cavalo demonstram que vivenciar a agricultura é também manter um estado de simbiose com a terra, é conhecer o tempo certo de plantar, de cuidar, e de esperar até colher. Nesse contexto, a terra se apresenta tal qual um membro do corpo do agricultor, ela se torna conhecida. O “apego” à terra é profundo, pois conhecem sua natureza e ganham a vida com ela (Tuan, 1980, p. 111). A agricultura, nesse sentido, é um ato de sobrevivência, mas é também um ato de intimidade, apego e ancestralidade.

A plantação das lavouras temporárias observadas no Quadro 1, são iniciadas no mês de abril. Consistem, inicialmente, na preparação da terra seguida do plantio de milho e feijão com colheita no mês de agosto. Os relatos demonstram traços e permanência das ruralidades que caracterizam os agricultores da Serra do Cavalo: *“plantava era da última semana de abril pra primeira de maio, nós plantava milho, feijão e mandioca e de fruta a gente sempre plantava bananeira [...] antes a gente preparava a terra na enxada, aí depois estrovengava o mato, e plantava”*<sup>20</sup>. *“Eu preparo a terra com as mãos, tem de brocar, limpar com foice.”*<sup>21</sup>. *“Pra plantar a época é abril, maio [...] antes de plantar a gente preparava o terreno com a enxada, no braço, limpando”*<sup>22</sup>. *“Antes de plantar a gente brocava os matos, alimpava e depois plantava”*<sup>23</sup>.

**Quadro 1:** Ciclo produtivo das lavouras na Serra do Cavalo.

Meses	Lavouras temporárias		
	Mandioca	Milho	Feijão
Abril		Preparo da terra	Preparo da terra
			Plantio
Maio		Plantio	Plantio
Junho		Chechar	Chechar
Julho		Colheita do milho verde	Colheita
Agosto	Plantio	Colheita do milho seco	
		Colheita <sup>24</sup>	
Setembro	Chechar		Colheita
Outubro	Chechar		

**Fonte:** Levantamento de campo, 2024. Organização: Juliana dos Santos Lima.

<sup>20</sup> Entrevistado 11 – 80 anos.

<sup>21</sup> Entrevistado 4 – 66 anos.

<sup>22</sup> Entrevistado 12 – 72 anos.

<sup>23</sup> Entrevistado 9 – 91 anos.

<sup>24</sup> Colheita 12 meses depois do plantio

Os agricultores plantam no mês de abril porque é o mês em que se inicia o período das chuvas de inverno. Durante esse período, começam a limpar o terreno com a enxada, foice e estrovenga. Posterior a limpeza do solo, toda matéria orgânica é acumulada em pequenos montes (as coivaras), que são queimadas. Depois das queimadas, o terreno é limpo e a terra, geralmente, é arada embora esse procedimento não seja unânime pois nem todos dispõem das ferramentas necessárias.

Para preparar a terra, os agricultores da Serra do Cavalo utilizam técnicas e ferramentas tradicionais, já citadas - enxada, foice, estrovenga e arado. Importante salientar, que esse modo de vida rural faz-nos lembrar do que menciona Silva (2020) ao dizer os modos de vida rurais são marcados pela memória e pela permanência de estruturas tradicionais que, de certa forma, atravessam séculos e gerações e resistem à força destrutiva dos tempos.

Dessa maneira, entende-se que o uso da enxada, do facão, da foice, do pilão, do tacho de barro, do arado, do caçuá, da cangalha, da estrovenga, da plantadeira de feijão, do cesto de cipó (Figura 5) é uma forma de preservar a memória e a história do lugar, pois são eles elementos que constituem a identidade da comunidade que "...reconhece na sua história e no seu modo de vida, valores comunitários fortemente vinculados à permanência de suas ruralidades" (Silva, 2020, p. 301).

**Figura 5:** Utensílios tradicionais em uso: à esquerda, cesto de cipó, "caixões" com os botijões de água; à direita, caçuás, cangalha, cordas, facão e enxada.



**Foto:** Juliana dos Santos Lima (2025).

No final do mês de abril e começo do mês de maio, o agricultor começa a plantar as sementes de milho e feijão (Figura 6). No começo do mês de maio, ainda seguem plantando, pois o tempo de plantio depende da quantidade e distribuição de chuva ao longo do mês. Em junho, dependendo das condições climáticas, muitos agricultores se deslocam para a roça para 'chechar', isto é, correr terra na lavoura, limpar a roça. O período de chechar é destacado como de suma importância, pois ajuda o desenvolvimento mais rápido do feijão e do milho.

**Figura 6:** Agricultor no roçado de feijão com plantadeira manual: o aspecto escuro do solo é matéria orgânica resultado coivara.



**Foto:** Juliana dos Santos Lima (2025).

Após alguns meses, inicia-se a colheita do milho, geralmente três meses após o plantio, ou seja, no mês de julho. Um mês depois, em agosto, colhe-se o milho mais seco cujas sementes são guardadas em garrafas de plástico ou em vasos de alumínio, de forma a garantir o plantio no ano seguinte. Quando a safra é boa, o excedente de ambos é vendido nas feiras livres, como por exemplo, na feira de Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha, ou até mesmo na comunidade.

Depois de plantado, o feijão requer um pouco mais de tempo até ser colhido na roça. Em geral, arranca-se o feijão nos meses de agosto e setembro. Ele é arrancado quando seco, e exige um pouco mais de cuidado. Se chover muito, ele fica amarelado, as folhas queimam e o resultado é uma safra abaixo do esperado. Na ausência da chuva e com um tempo muito quente e ensolarado, ele não floresce, nem tampouco dá a semente, o que conseqüentemente acarreta uma safra ruim.

A mandioca, por sua vez, só começa a ser plantada no segundo semestre do ano, no mês de agosto. Diferentemente do milho e do feijão, a mandioca só é colhida 12 meses ou mais depois do plantio. Por ser um tubérculo (raiz), a sua parte comestível desenvolve-se embaixo da terra, necessitando de um período maior de maturação. Plantada no mês de agosto, ela é checada nos meses de setembro ou outubro, mas só será arrancada a partir de agosto do ano seguinte.

Durante o mês de setembro, após a colheita do milho e do feijão, e após o plantio da mandioca, quantitativo significativo dos homens agricultores migram para o corte de cana no sul de Alagoas ou no Estado Sergipe<sup>25</sup>. Durante aproximadamente 6 meses (setembro – março), eles retornam à comunidade e retomam as suas atividades. Nesse período, deixam as lavouras sob os cuidados das suas esposas e filhos. Na ausência de seus maridos, é necessário que elas assumam responsabilidades exteriores ao lar, à família e aos quintais. São as mulheres que vão para as roças, checam a mandioca

<sup>25</sup> O estudo não se propôs a pesquisa de migração, porém, é relatada por muitos e apreendida, inclusive, pelo movimento das mulheres e filhos nesses meses.

e, também, arrancam o feijão, batem e levam para a casa. Algumas vezes, para cumprir essas atividades, se ajudam entre si, em grupos solidários, numa demonstração de companheirismo.

Após 12 meses, a mandioca já pode ser arrancada. Dela, aproveita-se quase tudo. A raiz é ralada e utilizada para fazer a farinha e para extrair a tapioca (Figura 7). Já o caule é utilizado para fazer novos replantios.

**Figura 7:** Casa de farinha: lugar de história e cultura. Raízes de mandioca raspada sendo raladas. Motor inserido na tradicional casa de farinha de Lia Rosa na Localidade Serra do Meio.



**Foto:** Juliana dos Santos Lima, 2025.

Depois de ralada, a raiz de mandioca é colocada em uma prensa que pressiona as camadas da massa encharcada e retira o excesso de água. A essa água dá-se o nome de “manipueira” que de acordo com Ferreira et al (2001, p. 5) é a “água de constituição da raiz ou do suco celular, misturada às águas de lavagem das raízes, que é gerada no momento da prensagem da massa ralada para a confecção da farinha”. Após ser prensada, a massa da mandioca é peneirada e já começa a apresentar o aspecto fino da farinha, porém, ainda não está própria para o consumo. É no forno que ela passa pela fase final, mexe-se com um rodo de madeira até que ela fique seca, em um processo cansativo e repetitivo. Todavia,

*“Eu participei muito de atividades envolvendo a agricultura, como por exemplo, fazer farinha. Então eu me lembro muito desses momentos lá, era bem trabalhoso, mas tinha uma cultura muito forte, as conversas, a forma de conduzir os trabalhos, voltar cansado pra casa, essas lembranças são bem fortes e significativas. Elas se tornaram marcantes porque era algo que tinha uma certa rotina, e porque elas fazem a gente lembrar de pessoas que hoje já não estão presentes com a gente”.*<sup>26</sup>

De fato, identificamos um vínculo forte com essas práticas não apenas por ser uma herança de gerações, mas por serem e fazerem parte da identidade e da constituição do lugar. A esse respeito, Silva; Lima-Payayá, (2024, p. 84 e 85) externam que “a maneira como a farinhada e todo saber-fazer envolve a Geograficidade ancestral se mostra em todas as etapas do plantio e da colheita, dos períodos de manejo e de preparação [...] a farinhada “é um fenômeno cultural, identitário e geográfico”. Dessa

<sup>26</sup> Entrevistado 22 – 33 anos.

maneira, entende-se que do roçado de mandioca à casa de farinha acontece uma configuração especial na Serra do Cavalo, constituindo-se numa ruralidade própria do lugar.

Ser da Serra do Cavalo é ir para a roça, é arrancar feijão, é arrancar mandioca de manhã, no frio e ir às casas de farinhas, dentre elas a de Lia Rosa. É plantar bananeira, laranja e seriguela. É separar e guardar sementes todos os anos para poder plantar no ano seguinte. É colher milho verde e assar no fogo de carvão. É viver intimamente ligado aos ciclos da natureza, e conhecer profundamente cada um destes como a palma da mão.

De modo geral, as ruralidades da Serra do Cavalo denotam os modos de ser, mas, sobretudo, os modos de existir e de pertencer que “possibilitam a manutenção e preservação da história e de uma herança cultural” (Silva, 2020, p. 308) que cada um desses sujeitos constituiu. As memórias ligadas à agricultura indicam um senso de pertencimento, e vivências que sem dúvidas marcaram – e ainda marcam, a vida dos moradores, não apenas pela dificuldade do trabalho manual na roça, mas por aquilo que esse trabalho proporciona desde as conversas, as trocas, as ajudas mútuas, enfim, a convivialidade com familiares e amigos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos o topônimo como constituinte da memória e da geohistória do lugar pois, ao perdê-lo, perde-se parte daquilo que se é como ser-no-mundo. Nesse contexto, apreendemos que os moradores da Serra do Cavalo conhecem esse lugar não somente pelos olhos do corpo e do coração, mas pelo nome que exalta e faz lembrar de inúmeros contextos de vida.

O nome ‘Serra do Cavalo’ traz lembranças, sentimentos e momentos, bem como remete à valores que só têm sentido porque foram vivenciados neste lugar. O ato de nomear não se refere apenas ao ato de atribuir uma nomenclatura qualquer a um espaço, mas deixar uma marca, traduzir acontecimentos, fatos e histórias. A Serra do Cavalo, tem uma história que foi e é constituída por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, estudantes, jovens, idosos, crianças, por signos, por símbolos, por crenças, pela cultura, pela política e pelas apropriações simbólicas.

Vimos na Serra do Cavalo uma comunidade com valores mútuos, histórias e modos de ser em comum. A ruralidade por exemplo, está presente na utilização de ferramentas tradicionais, que talvez possam parecer “ultrapassadas”, mas na verdade são uma forma de manifestar e reforçar a cultura local, bem como preservar a memória, as identidades, a tradicionalidade, e os saberes que foram transmitidos de geração para geração.

Assimilamos que o trabalho na roça, a lida diária com a terra, o trato com as lavouras e os animais, a utilização de ferramentas e saberes tradicionais nada mais é do que uma maneira de preservar a herança cultural e que engendra um modo de ser e de existir particular de seus moradores. Essas práticas reforçam os valores, a cultura e as crenças que persistem ao longo dos anos. Nesse sentido as convivialidades foram captadas e percebidas nas formas do plantar e colher, na aplicação de práticas antigas com o manejo e cuidado com a terra e na cultura do reisado local que ainda permanece como manifestação reconhecida e valorizada.

Pelos caminhos percorridos, apreendemos que a Serra do Cavalo é um lugar diferente de tantos outros, constituído por um povo que sabe viver em comunidade, que caminha em uma mesma direção e mantém o respeito e os laços de união. Ali, mantém-se viva as tradições, os modos de ser, que se transmite de geração para geração aquilo que foi aprendido ao longo da vida, seja pelas técnicas ou pelas práticas e saberes. Na Serra do Cavalo, a identidade se associa ao sentido de lugar, e este lugar se torna base da existência humana, (Marandola Jr, 2020) é onde se mantém uma relação profunda com o mundo de significados, é onde se desenvolvem as lugaridades e os modos de ser. Pode-se, assim, afirmar, que ser da Serra é ser de uma única família, é querer fazer parte; é incluir quando é preciso; é acolher quem precisa ser acolhido.

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. Nordeste sertanejo: a região semiárida mais povoada do mundo. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.13, n.36, p. 7-59, 1999. ([www.scielo.br/pdf/ea/v13n36/v13n36a03.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n36/v13n36a03.pdf))
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, Angelo (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- ALVES, Flamarion Dutra. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. **Revista Rural & urbano**. Recife. Vol.06, n. 01, p.27-46, 2021. ([Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade | Revista Rural & Urbano](#))
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste** - Contribuições ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste. 6. Ed. Editora Universitária - UFPE, Recife, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FROSI, Vitalina Maria. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. In: **Métis: história e cultura**. v. 1, n. 1. Caxias do Sul: EducS, 2008. ([ijbisol,+704-2441-1-CE.pdf](#))
- FERREIRA, Waldemar de Almeida et al. **Manipueira: um adubo orgânico em potencial**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.
- FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.17-27, 2008. (<https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMvByhrN/?format=pdf&lang=pt>)

GURAN, Milton. **Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões**. [s.n.] Rio de Janeiro, 2011. ([Documentação fotográfica e pesquisa científica : notas e reflexões | Publicação | BDLF](#))

MARANDOLA JR; Eduardo. Lugar e Lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v.19, 2020. ([scielo.br/j/mercator/a/cFTJnGWQsGpQ9tPTQwfJzFJ/?format=pdf](#))

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidade: novos significados para o tradicional rural. **NEAG**. Rio Grande do Sul, 2017. ([PDF](#)) [Ruralidades : novos significados para o tradicional rural](#))

MEDEIROS, Jacimária Fonseca de. CESTARO, Luiz Antônio. As diferentes abordagens utilizadas para definir Brejos de altitude, Áreas de exceção do Nordeste Brasileiro. **Sociedade e Território**. Natal, vol.31, n.2, p.97-119, 2019. ([AS DIFERENTES ABORDAGENS UTILIZADAS PARA DEFINIR BREJOS DE ALTITUDE, ÁREAS DE EXCEÇÃO DO NORDESTE BRASILEIRO | Sociedade e Território](#))

MOTA, Charles Maycon de Almeida; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Existencialidades na roça instituídas pela ruralidade da presença. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 17, p.1-14, 2022. ([1809-4309-praxeduc-17-e19349.pdf](#))

PROSHANSKY, Harold; FABIAN, Abbe; KAMINOFF, Robert. Place-identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental**. New York, p 57-83, 1983. ([first-page-pdf](#))

SILVA, Ludimila de Miranda Rodrigues. Geograficidades dos Altos: Toponímia e Ruralidades dos Quilombos de Alto dos Bois (Minas Gerais) e Sítio Alto (Sergipe). In: MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de; DEUS, José Antônio de (Orgs.). **Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências: transformações e ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe**. Aracaju: Criação Editora, 2020.

SASAKI, Karen. A contribuição da geografia humanista para a compreensão do conceito de identidade de lugar. **RDE – revista de desenvolvimento econômico**. Bahia, n° 22, p. 112-120, 2010. ([A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA PARA A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE DE LUGAR | Sasaki | RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico](#))

SILVA, Efigênia Rocha Barreto da; LIMA-PAYAYÁ, Jámille da Silva. Farinhada: Geopoética de um saber-fazer comunitário. **Geograficidade**. Rio de Janeiro, v. 14, n.1, 2024. ([62405-Texto do Artigo-237230-2-10-20250120 \(1\).pdf](#))

LIMA, Juliana dos Santos; SILVA, Kleber Costa da. A comunidade rural Serra do Cavalo, Água Branca-AL: relato de experiências de observações e interpretação sobre apego ao lugar. In: SILVA, Kleber Costa da. **Olhares geográficos sobre o sertão de Alagoas**. Delmiro Gouveia: Agbook; Clube de Autores, 2020.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.